

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Mato-Grossense de Letras)

A Poesia de D. Aquino

Cuiabá
Revista da Academia Mato-Grossense de Letras
1956

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

A POESIA DE D. AQUINO

José de Mesquita

1) A Vocação da Poesia

Na personalidade do grande Arcebispo cuiabano, ressalta, como faceta das mais impressionantes, o gênio mágico da Poesia, bem cedo revelado e mantido, galhardamente, até o fim. Poeta, mais que tudo, e acima de tudo, D. Aquino o foi, sem dúvida, e dos atributos que possuiu, enobrecedores e altíssimos, foi este o que constituiu o seu mais lidimo padrão de glória. É esse o seu mais belo e dignificante laurel, sendo o que mais eleva o homem ao plano quase divino, tanto que, na doce pátria das Musas, os cultores da Poesia, os que viviam no Pindo e no Parnaso, eram denominados, enteus, os que traziam em si a própria divindade. Por isso mesmo, os espíritos ignaros e rasteiros, atreitos à materialidade, se insurgem contra os que são dotados dessa flama sobrenatural, e os desconhecem e hostilizam, chegando a afirmar a sua incompatibilidade com a vida real, com a chamada vida prática. Repete-se a mítica helênica da morte de Orfeu, lapidado pelas ménadas cruéis, na eterna incompreensão do vulgar e do primário pela sublime destinação da Poesia. D. Aquino foi poeta em tudo; poeta, como orador, eis que os seus discursos são verdadeiros poemas em prosa, varridos por esse sopro incoercível do estro inspirador; poeta como jornalista, dando-nos n'«A Cruz» que foi, na sua fase áurea, o porta-voz da nossa cultura, entre muitas e valiosas colaborações, aquelas mimosas «Pétalas do Evangelho», repassadas da mais emotiva poesia cristã; poeta, como apóstolo do Bem, enchendo a sua vida, feita de beleza e desprendimento, dessa luz cálida e vivaz da Vera poesia, que clareia e aquece os corações.

Ignis ardens – tal foi, em síntese, a ação constante do seu espírito, a sua vocação de bardo, a mensagem afetiva e vibrante que nos deixou, na sua obra, como na sua existência.

2) Filiação romântica

Ao tentar, nesse ligeiro ensaio, fixar as diretrizes poéticas do notável vate, começarei por acentuar a sua incontestável filiação romântica, vindo-lhe a inspiração, por linha reta descendente, dos grandes mestres da escola, Gonçalves Dias e Castro Alves principalmente, sendo esses os que mais influíram na formação intelectual do autor das «Odes» e do «Terra Natal». Do cantor de «Timbiras» herdou a forma escorregada e singela, o amor aos versos brancos, a par do indianismo acentuado e do épico da «Cachoeira de Paulo-Afonso» a nota condoreira e amor aos temas regionais. Só mais tarde, começa a fazer sentir, nos seus versos, a influência parnasiana, através do maior polimento da forma e dos assuntos objetivos, mantendo-se, entretanto, no conteúdo poético, fiel à sua gênese romântica, impregnado da temática, bem como das reações psíquicas que caracterizam a família literária dos Lamartines e Hugos, dos Varelhas e Junqueira Freires. Mesmo no que tange à técnica do verso, nota-se-lhe a preferência, de fundo romântico, pelos versos brancos, ou de rimas entrosadas, pelos endecassílabos e redondilhas, com postergação do soneto, fato esse assinalado pelo crítico de «A Cruz», em 1918, ao referir-se ao aparecimento do seu primeiro livro «Odes». Só algum tempo depois, do «Terra Natal» – que é o seu trabalho mais divulgado, o seu *best-seller*, com 4 edições, é que o soneto passa a constituir-se o seu gênero preferido. Para exemplificar, citaremos, entre os poemas que sofrem o influxo do grande bardo maranhense – A Primavera, Boninas murchas, A morte de Carducci (Odes, I) e A jaó, A Chimbuveira, O Padre Velho e Filomela (Odes, II) e Os guaicurus, Canção do paiaguá e Boquadi (Terra Natal) – indianistas, umas, no tema e em versos

brancos ou nos metros preferidos pelo autor de os *Timbiras*, outras. A nota condoreira desponta, nítida, indisfarçável em O natal da Pátria, Á mocidade, A Cruz e o Brasil, Corumbá (Odes, I), os salesianos, A Virgem de D. Bosco (Odes, II) e, sobretudo, naquele «Napoleão e D. Bosco», publicado no jornal «O Mato Grosso» e reproduzido em *Nova et Vetera*. De outros bardos da fase romântica, como Junqueira Freire e Varela, se observa a ressonância, mais ou menos acentuada, na obra copiosa e variada do Arcebispo de Cuiabá e também, nos parnasianos, como Alberto de Oliveira e Vicente Carvalho, de quem sempre se mostrou D. Aquino grande admirador, sabendo de cor vários dos seus poemas.

Longe iríamos, porem, si nos dispuséssemos a indicar exemplos, o que é, de resto, ocioso, pois eles, à simples leitura, afloram aos nossos olhos.

3) Idéas iterativas

Num formoso ensaio, acerca da obra literária de D. Aquino, Gabriel Vandoni, fino espírito de artista e observador arguto, revelou a preferência do poeta pela Flor, verdadeiro *leit-motif* a passar e repassar, constante, nos seus versos. Tal como Vicente Carvalho, pelo mar, Bilac, pelas estrelas ou Alberto de Oliveira pelas árvores, o nosso bardo, realmente, se enamorava, facilmente das flores, cujo simbolismo no mundo vegetal, se transfere em motivos líricos, à poesia do Arcebispo, toda ela, assim, florida, portanto viçosa, bela e perfumada. Não é só, entretanto, a flor que constitui um pensamento iterativo na obra poética de D. Aquino, e sim, outros muitos símbolos, de forte impregnação romântica, de profunda nota lírica, como passamos a apontar. O amor, tema central dos românticos – e afinal, a par de a Beleza e o Bem, o verdadeiro inspirador da lídima poesia – está sempre, e presente, em todos os poemas de *Odes, Terra Natal e Nova et vetera*. O Amor eterno, o Amor onímodo, o Amor perene, o Amor em suas múltiplas manifestações, a exuberar, transbordante e incontido, de toda

essa grande obra poética do cantor invulgar. Amor, fonte inexaurível que enche de seu fluido sonoro e cristalino toda a literatura universal, desde os tempos mais remotos até mesmo as aberrações com rótulo de poesia que por aí andam para o gosto dos estultos, desopilando os sensatos e fazendo o cartaz dos cabotinos, que suprem co o exotismo e a cabala, o estro que lhes falta. Amor ao Belo, e à sua interiorização, que é o Bem; Amor à Terra, com o que ela possui de glórias, tradicional e típica, seja no encanto das paisagens, seja na amável doçura dos costumes; Amor ao Passado, revelando-se nesse feitiço morno, eflúvio do que foi e continua a ser, que é a saudade; Amor filial, nos poemas inspirados pelo carinho á memória dos que lhe deram o dom supremo da vida; amor de pai, a se desvelar em extremos pelas crianças e pelos seus filhos espirituais; Amor de pastor, que se extrema por suas ovelhas; Amor íntimo, místico, e sobrenatural, que lhe intui a hiperdulia pela Virgem, sua Musa celeste e o culto do meigo Rabi.

«divino e pálido Poeta

que revelaste ao mundo o evangelho do amor»

Si fôramos contar quantas vezes, na sua obra poética, aflora essa palavra mágica, que é o balsamo dos corações, exulcerados pela vida, chegaríamos à conclusão de que uma só de suas composições não existe em que se não fale dessa.

«Tarefa melhor da nossa espécie

Tão cheia de outras que não valem nada»

Ali está, onipresente, o «eterno tema», daquele sentimento preponderante que, sob os mais diversos nomes, aparências e efeitos, domina o tablado da comédia humana, dos dramas e tragédias da vida, sentimento que

«move il sole e l'altre stelle»

e a respeito do qual outro grande Poeta italiano sentenciou:

«Perduto é tuto il tempo Che

a amar non se spende»

Visualizado sob o ângulo da sua crença e da sua ética, certo o Amor tomaria aquela forma ortodoxa que vem traçada

A POESIA DE D. AQUINO

na «Carta epitalamica» de 1905, o que não o impediu, nesse belo e substancioso poema dos 20 anos, de assim descrever, em linda apóstrofe, o papel da Mulher, pondo na boca de Adão estes versos:

. «Eva meiga e gentil,
osso dos ossos meus! Carne carne minha!
Si sou do mundo rei, és do mundo rainha!
Sem ti, mesto me fôra o paraíso em flor!
Tu, Eva, tu colmaste os mimos do Senhor!»

Diante de tal concepção humana, posto enquadrada nos moldes dos cristãos, que o Poeta empresta no Amor, certo não é para notado que, em seus versos, figurem iterativamente, imagens do amor, manifestações do grande sentimento, como a idéia do beijo, que surge a cada passo, e quero citar apenas Terra Natal, em que, mais que em qualquer outra obra do Arcebispo, ressaem as suas características individuais e da escola a que mais de perto se prende. Lá encontramos, do abrir ao fechar desse livro inconfundível, iterativa, como uma constante, ora como simples imagem, ora real, esse o mais delicado simbolismo do amor, da íntima fusão dos seres – o beijo. Vamos aos exemplos, que comprovam:

É como que lembrando a curva infinda
do velho oceano azul, *beija-te* ainda
o mar dos Xaraés, o mar dormente.
(Geognose)

. . . . Calmo o rio se ilumina
mais do que o Cidno ao *beijo* da Argentina
galera real

(Rio acima)
cantando a bancarola
infinita dos *beijos* e da paz.

—
Eu te saúdo ao ósculo fugaz
(A cidade verde)
Foi a primeira que a onda paraguaia
beijou neste áureo tálamo de Flora.

JOSÉ DE MESQUITA

(Cáceres)
E tu, no vale, ao *beijo* cascadeante
dos teus dois ribeirões . . .
(Diamantino)
Palpitação do rio a *beijar-te*, incessante
(Porto Murtinho)
Do altivo beijo infrene dos pampeiros
(Ponta Porá)
. cujos louros
beijaste nos mais épicos revezes
(Nioaque)
Ao *beijo* de uma tarde rosicler.
(Rio das Mortes)
viu a sorrir do sol ao *beijo* louro
(Aquidauana)
de que aos *beijos* do sol tu te coroas
(Três Lagoas)
e a minha terra, que *beijando* lavas
(Rio Madeira)
e as ondas *beijam* os destroços vagos
(Rio Araguaia)
palpitam *beijos* nos lares
(Princesa do Paraguai)
ao *beijo* rosicler das madrugadas
(Lufada)
ou *beijo* que as fulvas uiaras dos rios
atiram ao sol

—
e a *beija* e se vai e a bonina uns instantes
palpita e sorri
(A flor do aguapé)
. e sonho a minha terra,
tão virginal, ao sol, que a *beija* e doura
(Á beira do Lemano)
vibrava em *beijos*, festas e canções

A POESIA DE D. AQUINO

(Melo, o Bravo)

os *beijos* do Senhor à guisa de farol

(Bispo missionário)

Beijam a praia de Araritaguaba

—

Partem. Ha *beijos* pelo azul sonoro....

(A monção)

para o primeiro *beijo* ao teu Jesus

(Boquadi)

beijando a avenca e a samambaia bruta

—

ao *beijar* tua boca aspirei nesse dia

a fragrância lirial do pão da Eucaristia!

—

beija-a, como se *beija* uma santa e se afasta

—

Aleluia! já a terra arfava ao *beijo* louro do sol...

(A flor da aleluia)

onde se *beijam* a justiça e o amor.

(Têmis e a Cruz)

A par dessa, outras imagens líricas acodem, a cada passo, nos versos do Poeta de *Odes*, da *Terra Natal* e do *Nova et Vetera*: assim as expressões, tão do seu gosto, idílio, epitalâmio, noivado, que iremos achar freqüentemente nas poesias de D. Aquino. No «Véu de noiva»,

«quis Deus perpetuar ó minha terra,

a festa virginal do teu *noivado*!

a *noiva* sem rival do Taquari»

«Bela Vista» assim termina:

no *noivado* imortal do heroísmo e da glória».

Nem o conceito pagão da *orgia*, deixa de aparecer, posto transfigurado, nestes passos do *Terra Natal*:

JOSÉ DE MESQUITA

nessa *orgia* de luz em que delira

(Serra azul)

numa *orgia* de vida

(Lufada)

naquela *orgia* básica de flores

(Á beira do Lemano)

Parece bastante o que ai fica para deixar patente a profunda impregnação romântica, que nem a austeridade da sotaina e, mais tarde o principado da igreja a que se alcondorou, conseguiu calar ou amortecer, no seu espírito.

4) Outra faceta romântica: O sentimentalismo

Si, na forma, se acentua, ao vivo, a linhagem romântica – lírica, indianista ou condoreira – mais se manifesta esse incoercível influxo, si atentarmos ao espírito, ao conteúdo poético, sobretudo ao sentimentalismo, a nota dominante do estro aquiniano.

Não é, por certo, o sentimentalismo piegas dos versejadores que comprometeram a linha nobre do romantismo, pueris mulherengos, a cantar «tranças» e «madeixas» e a se embasbacar diante de amavios equívocos, dominados não pelo sentimento mas pelos sentidos, num pansexualismo digno das paginas impressivas de Freud.

É sim, o puro, e alto sentimento que forma a essência, a substancia da tradição romântica, que vive nos poemas imorredouros dos Mestres da escola, nos grandes epígonos Lamartine, Vigny, Chateaubriand e Victor Hugo – que diviniza os seres humanos, alçando-os – homens ou mulheres – à condição de seres superiores, aureolados pelo sublime fulgor que a vera Poesia sabe emprestar. É esse sentimentalismo, no sentido, que enforma e dá significado à Poesia, e não a vazia e oca sentimentalite dos pascácios rimadores que pensam endeusar a mulher e as outras coisas belas da vida e aí não fazem que as deprimir, rebaixar e degradar. Do sadio

A POESIA DE D. AQUINO

sentimentalismo da poesia do Arcebispo vamos achar exemplos frisantes, folheando, a esmo, as suas obras poéticas, bastando pôr de manifesto os poemas em que, com uma insistência característica, ele canta a saudade, o mais sublimado dos sentimentos humanos, por sêr uma pura emoção desmaterializada, um fenômeno puramente espiritual, que nos, faz gosar a Beleza retrospectivamente e em forma subjetiva. Aí estão para ilustrar o asserto, sem precisarmos ir alem do «Terra Natal» – «A monção» em que no Tietê,

«a barcarola das saudades erra»;

«Casa-de-telha» na qual interroga

«os ecos do passado»;

«Erva de tapera», onde confessa amar

essas melancólicas ruínas,

onde o fantasma das saudades erra».

«A viola»

«Sentimental como a alma do matuto,

alma que é como a flôr-da-paixão, flor de luto

melancólica flôr, que até sorrindo, é triste!»

e aquele delicioso poema, obra-prima do sentimento, «Tapéra», em que se lê esta confissão sincera e profundamente melancólica:

«Tudo assim sobre a terra volver ha-de
em taperas, ruínas e saudade»

Si descreve, numa bela seqüência, as cidades matogrossenses, os seus rios, as suas tradições e as suas paisagens, vemo-lo deter-se, carinhosamente, em «A morta Capital», a dormir.

«em mausoléu de ruínas informes»;

em «Cáceres» cujo rio é

«como um fragmento de poema antigo»;

em «Miranda», ao pé das águas que da serra,

«descem cantando a nênia de Dourados»;

em «Diamantino» cujo ribeirão murmura

«as velhas lendas do ouro e do diamante»;

em «Rosário-Oeste», cujos picos

JOSÉ DE MESQUITA

«relembra tradições mais raras que os velhos monumentos de Lucsor»; em Sant'Ana do Paranaíba»

«onde a triste Inocência ainda aos ventos suspira:

– como cedo murcha a flor das laranjeiras!»

em «Herculânea», cujo velho rio

«canta a gesta

de tanta gloria que passou por ti!»;

e em «Livramento» cujo

«passado em flor longe se esfuma» . . .

Vamos folheando esse livro de rara veracidade e veremos, aqui, ali, a nota sentimentalista, predominante, como o motivo dileto em «O Cerrado», «A flor do aguapé», «Papilio Innocentia», «Figueira do adeus», «Fogo apagou», «Buriti solteiro» e passim.

5) A cuiabanidade

Nota de vivo regionalismo, desse típico e sadio localismo, que inspirou os «Poetes du Terroir», da formosa coletânea de Ad. Van Bever, é aquilo que chamaremos de «cuiabanidade», dos versos de D. Aquino.

Os mais universais dos escritores, sofreram essa poderosa influencia que, num ângulo estreito, se convencionou chamar «bairrismo», ou «chauvinismo» – conceitos pejorativos que não diminuem, antes exaltam o mais terno, suave e natural dos sentimentos, o patriotismo, a revelar-se de uma forma acendrada e mais precisa no amor à terra do nascimento, ao seu fogo, à sua casa, a sua família.

É da introdução àquela formosa antologia francesa este conceito incisivo e exato: «É de fato incontestável que todo gênio creador deve mais à terra do que até agora se supôs. Deve-lhe o melhor da sua inspiração e essa parte de originalidade que o torna internacional». E repete o pensamento feliz de Maurice Barrez de que nós somos o prolongamento dos nossos mortos. Na obra do Arcebispo de Cuiabá, vamos

encontrar, viva, flagrante, fremente essa cuiabanidade que vinca toda sua vasta e poliforma produção literária, mas que avulta e se projeta ainda mais nas obras poéticas, no vivo do pitórico inconfundível, como na profundidade e amplitude sentimental, Desde o começo ver-se-á como a sua Cuiabá vive e palpita em a maior e menor parte dos seus versos – já no primeiro livro *Odes*, publicado em 1917, lá está a famosa A Capital verde, a pag. 80 do volume I, escrita em Roma aos 24 anos – 1909 – poesia em que faz a sua cidade uma declaração de amor, veemente e calorosa, colocando-a acima de tudo o que tinha visto e conhecido, e que é a primeira manifestação em ordem cronológica, desse «apassionato» ritmo que daí por diante veremos erigir-se na maviosa e afetiva «constante» do seu estro.

É através do *Terra Natal*, porém que mais se sente a imensa, irresistível sedução que a gleba onde nascera, exerceu, quasi obsessivamente. Circe mágica, sobre a alma do Arcebispo-poeta. A par do amor a Maria, a sua *Musa celeste*, o amor à sua cidade bem querida, a musa terrestre dos seus sonhos, representa esse maravilhoso *transfert*, pela sublimação poética, dos profanos amores, que lei moral e os votos religiosos lhe vedaram. Folheai o volume encantador e encontrareis, a cada passo, a florar, até nos títulos, o motivo inspirador: aqui vereis o *Madrugadas cuiabanas* que assim começa, num ditirambo ardente:

«*Que linda a madrugada em minha terra*» e, logo depois, a *Laranjeira cuiabana* que

«enche os céus de perfumes a flux».

e lhe propicia, num suave simbolismo, esta admirável apóstrofe lírica:

«*Terra do berço, terra evocativa e linda
em ti o coração, como o fruto dourado,
remoça-nos também de esperança e de amor*»

e mais adiante é O *boi cuiabano*, em que, num boi de carro, vai descobrir, ainda, a viva «querência» a nostalgia que faz que

«*num mugido
de saudade do campo onde nascera,
o grande boi heroicamente morre!*»

O livro, todo ele, é o poema cuiabano, e nas 3 partes em que se divide, *A Natureza*, *Os homens* e *as tradições*, perpassa, perene, o sentimento de cuiabanidade. Vemo-lo e sentimo-lo nos poemas iniciais do *Rio Coxipó*, do *Ninho em flor*, d'«*O cerrado*», da «*Lufada*»; na *Canção do Paiaguá*, na evocação das suas grandes figuras históricas, de *Moreira Cabral* ao *Bispo Missionário*; no *Palácio da minha terra*, no *Brasão extinto*, na *Casa-de-telha* e no *Primeiro Natal*, no «*Figueira do adeus*» e na «*Chuva dos cajús*», n'«*O guaraná*», n'«*A flor d'aleluia*», no «*Sinos*» – enfim no livro inteiro, impregnado de cuiabanismo, que, afinal, enche, povoa e anima toda a obra do admirável aédo da sua gleba.

Constante, quase obsidente, reponta, a cada passo, a idéa da terra, quase sempre antecédida do possessivo integrante – minha – «minha terra», a repetir-se, como um estribilho ou uma titânia, nos versos de D. Aquino. Tomemos, ao léu, o livro maior o *Terra Natal*, e veremos, reiteradamente, aquela invocação apaixonada do Cantor à sua grande Musa inspiratriz. Basta citarmos:

Terra noiva do sol, linda terra

(Canção matogrossense)

Quis Deus perpetuar ó *minha terra*,
a festa virginal do teu noivado!

(Véu de noiva)

das cidades gentis da *minha terra!*

(Três Lagoas)

no antigo mar azul de *minha terra!*

(A gruta de Coimbra)

Nas taperas em flor da *minha terra!*

(Erva de tapera)

Ó flor dos pantanais da *minha verde terra!*

(Vitória-régia)

A POESIA DE D. AQUINO

à conquista imortal da minha terra!

(Bandeirantes)

capitães generais da minha terra!

(Luis de Albuquerque)

para o Eldorado em flor da minha terra!

(A monção)

É a figueira do adeus a esta terra que adoro

(Figueira do adeus)

Tu és, ó minha terra a princesa perdida

(Novo hipogrifo)

Sinos! Da minha terra!

(Sinos)

Para notado que, no seu amor incomensurável e incansável a sua terra, não se lhe dava de, indo de arrepio aos rígidos princípios que se estabelecem só a Deus ser devido o culto de *dulia*, declara que adorava sua terra (cita acima – em *Figueira do adeus*), como de Sant’ Ana do Paranaíba dissera sua terra «que namoro». Alias, também em *Caveira idolatrada* (ode, republicado em *Nova et Vetera*) emprega – força de expressão, escusável pela intensidade do sentimento – termo que se não condiz com o anátema que a Igreja atira aos que cultuam os ídolos.

Foi sempre assim, como um trovador ou menestrel da sua terra, o Poeta cuiabano. E si é verdade que o patriotismo eleva e engrandece, – sentimento que não faltou a D. Aquino – não é menor, no seu alcance mais limitado, esse amor à terra do nascimento, à pequena – pátria, o qual, por mais objetivo e realista, se prende às formas da paisagem às tradições encantadoras do lugar, entre todos querido, em que se confina a vida e no qual se aspira terminá-la.

6) A técnica do Verso

Cedo revelou-se o jovem Aquino Corrêa conhecedor e cultor exímio das regras da Poética, e já, aos 14 anos, em 1899, a sua inspiração fluía, na forma clássica do soneto, gênero

JOSÉ DE MESQUITA

literário tido como dos mais difíceis, tanto que Boileau o considerava, quando perfeito, um verdadeiro poema. Lá estão, no *Musa em botão* (Odes II, Rapsódias) os seus rebentos do estro precoce, e entre eles, *O Mês de Maria* e *Capela da Virgem*, ambos revelando, o neófito da arte de versejar, a mais completa técnica do soneto, com as rimas obrigatórias nos dois quartetos, alternadas ou entrosadas, e no primeiro – *O Mês de Maria* duas rimas apenas nos tercetos. O principiante já se estreava com mão de mestre, lavrando versos dos tidos por mais árdus, tanto que os românticos quase os deixavam de parte.

Poder-se-lhe ia argüir, não fora demasiado rigor, em se tratando de primícias verdoengas, certa pobreza de rimas, a homofonia no primeiro – *era, ermo e ela* e no segundo – *ía, ína e íno*, falha que vamos encontrar em poemas da maturidade de grandes versificadores.

Em 1901 – com 16 anos – traduzia, de Virgílio, o belo dialogo de Títilo e Melibeu, em tercetos, com o metro clássico do decassílabo. Resvala a rima, às vezes em licenças poéticas, como *airoso* e *góso* (3º terceto), *agora* e *encantadora* (10º e 11º), *branqueia* e *galatéa* (16º e 17º), o que fácil se explica em começante da arte. Ainda nisso o cunho acentuadamente romântico do seu estro, sabido que essa escola, dominante, no Brasil, até os fins do século XIX, e entre nós, ainda nesta centúria – pois custavam a chegar-nos as inovações literárias – se caracterizava por um certo descuido da forma, sobrepujando a tudo o sentimento de sinceridade na arte, como na vida. Um parnasiano severo e inflexível, desses que bitolam estrofes, como o arquiteto as esquadrias e alisares, increpará, na obra do Arcebispo – poeta, falhas canônicas, que, para ser justo e verdadeiro, devemos apontar, na certeza de que menos lhe afeiam os trabalhos, do que realçam, pelo contraste, a beleza do conjunto harmonioso.

Tais são, começado pelo trovar, – em que se mostrou menos exigente, a ponto de jamais adotar as rimas ricas, em

que se celebrizaram Emilio de Meneses, Alphonsus de Guimarães e Augusto dos Anjos – aquele passo de *Caveira idolatrada*, em que rima *também* e *mãe*, só aceitável nos portugueses, pela sua pronuncia peculiar, e, mesmo no seu livro *Terra Natal*, 4ª edição *ne varietur*, vemos *aurora* e *protetora* (Primeira Missa) *foge* e *hoje*, *dizer* e *rosiclér* (Rio das Mortes), *voltas* e *revoltas* (Flor do aguapé), *secretas* e *historietas* (O guaraná), e *embora* e *redentora* (Madalena).

A métrica, em que se mostra mais cauteloso, também deixa ver ligeiros senões, como: das *Geórgicas*, ao sol da minha terra

(Mimoso)

em que se força a pronuncia de *Geórgicas*, para trissilábica, afim de acomodá-la no decassílabo e até *a alta Sucupira* onde afila a brisa a reviver da historia o outro período inteiro

(A flor de aleluia).

Há, ainda, e devemos apontar, já que estamos fazendo um ensaio consciencioso e não panegírico, na obra do Poeta de Terra Natal, cacofonias, como aquele verde aba (díaba) der à rimagem, tal aquele *aduares*, em Bispo missionário, pequenos lapsos que escaparam à lima do cinzelador de tantos e tão lindos poemas.

Cultuou D. Aquino, com requintado bom gosto e altíssimo lavor, todos os gêneros poéticos, desde o clássico, nos sonetos em metro camoneano e nos versos brancos impecáveis, até o alexandrino, em que foi mestre, – vejam-se *A morta Capital*, *Poconé*, *Sant' Ana do Paranaíba* e esse formoso *O Cavaleiro da gravata branca*, teatralizado, em que há dodecassílabos perfeitos, uns com o hemistíquio, outros ternários. Vemos, nas suas poesias, praticar com maestria inigualável, os mais diversos metros, as redondilhas maior e menor, os mimosos versos quadrisilábicos, como em *Canção do paiaguá* e *Os salesianos*; os versos de métrica alternada, tão a gosto de Hugo e Lamartine, Castro Alves e varela, como *O Lázaro*, *A inocência*, *A agonia de Coppé* e outros; as parelhas, muito da sua dilação – *A flor da aleluia*, *A virgem da Guanabarra*, e aquela expressiva *Carta epitalâmica*, a um

amigo que convolava ao toro nupcial, trabalho admirável, de rara inspiração lírica, que se enquadra no gênio dos poetas moralistas franceses dos séculos XVII e XVIII. Seu gosto pelas parelhas, manifestado na ultima produção sua publicada na revista da nossa Academia, o já referido *Cavaleiro da gravata branca*, que encantou a Cláudio de Souza, revela-se na predição pelo poema de Gonçalves Crespo – *O minuete*, que sabia de cor e gostava de referir e declamar.

Nos versos brancos foi emérito, bastando citar, como padrão aquele *Padre-Velho*, que nada fica a dever a Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias.

Até o acróstico, hoje em desuso, aparece varias vezes na messe poética de D. Aquino, como na Saudação dos alunos, *Sonnet acrostique* (Odes, II) em francês, como o foram muitas outras, em latim, cuja versificatória lhe era familiar e em italiano (ver Diversões, Odes, II). E como usou os idiomas estranhos, também traduziu e verteu, com rara habilidade, do latim e das néo-latinas, bem como do inglês, as poesias reunidas em *Musa em ócios*, versões (Ode, II). Compôs numerosos hinos e canções, versos de encomenda ou solicitados, para festas intimas ou álbuns, nada sabendo negar a sua bondade. Do seu fino gosto artístico dá prova o cotejo, que se torna fácil, através das quatro tiragens do *Terra Natal*, das poesias sempre modificadas para melhor, na sua ânsia da perfeição e no seu amor entranhado ao vernáculo, de que foi um eterno apaixonado, ensinando e inculcando aos moços, o dever de cultivar e aprimorar as louçanias do estilo. Trabalhando, anos a fio, com D. Aquino, n' «A Cruz», pude ver, o seu meticoloso amor à forma escoreita, que, uma ou outra vez, se tinge de leve tom de elegante arcaísmo, bebido nas leituras de Vieira e Bernardes. Era o «Terror dos tipógrafos» a sua revisão em que, sempre, alterava e, às vezes, refundia os trabalhos, para melhorar a forma, no seu desejo constante de perseguir e alcançar o ótimo.

A POESIA DE D. AQUINO
7) Poesia, estema e labéu
(Conclusão)

Poesia, estema glorioso que transforma o pobre ser humano, solicitado e impelido pelas miseras contingências dos apetites terrenos ou pelos cúpidos instintos da matéria, em sublime portador do facho divino, traduzindo as mensagens do alto, intermediário entre o Céu e a Terra, embaixador dos Numes invisíveis, inspirado da raça dos Homeros e Shakspeares, dos Isaías e Davis, Milton e Goethes, toda essa legião de homens – semidivinizados, que aos seus semelhantes trouxeram a flama sobrenatural, que acende clarões nas trevas do viver e aquece as almas com o calor da verdade e a luz da Beleza! Poesia, que para os medíocres materialões e grosseiros, que vivem exclusivamente da carne e do dinheiro, tudo vendo pelo prisma primário de sua tosca mentalidade, é um labéu e uma diminuição, pois esses infelizes não podem alcançar, na sua «impotência estética», de que falava Raul Pompéia – grande Poeta em prosa – que se viva de ideal, que se nutra de outro pão que não o pão – mixto da realidade, que se distraia o tempo e o labor em coisas que se convertem na vil almoeda que lhes fornece, a turpida razão de existir! A um desses que tais, acudiu, certa feita, referindo-se ao Poeta que «administrar não é fazer versos bonitos . . .». Para indivíduos assim, metalizados, azinhavrados até a consciência, na sua opacidade mental e negatividade artística, o véu misericordioso da nossa piedade ou as farpas finas e penetrantes da nossa ironia . . .

D. Aquino era e foi substancial e visceralmente Poeta, e isso em nada prejudicou, antes realçou, sua grande obra de Príncipe da Igreja, de estadista, de orador e de homem privilegiado. Como ele fazia os seus versos, contou-mo, quantas vezes, no disreter das nossas conversas íntimas, no seu velho Seminário, ou nas pitorescas excursões que junto fizemos pela serra ou pela Beira-rio. Andando – era um peripatético e gostava de produzir em movimento, fosse no da sua cadeira de balanço – ou mesmo a cavalo, de automóvel ou

JOSÉ DE MESQUITA

avião, D. Aquino compunha, mentalmente, os seus poemas, e quando os escrevia, era apenas, lançar o que já estava feito e lhe saía da mente como Minerva da cabeça de Jove.

Um dos mais interessantes estudos sobre D. Aquino, publicados após a sua partida para a viagem de que se não regressa, foi de Floriano de Lemos, no *Correio da Manhã* de 8-4 deste ano. Nesse artigo, escrito com muito sentimento e acuidade de observação psicológica, frisa o autor de O Bem, uma circunstância de mim conhecida, mas que nunca divulguei, qual a de haver D. Aquino entrado para o noviciado, de cuja modesta crisálida sairia o imortal Prelado, por desejo manifesto do seu venerando Pai, que já tinha duas filhas religiosas. Sei que atuou muito no espertar-lhe a vocação o P. Helvécio, hoje Arcebispo de Mariana, de quem o Chiquinho – moço de salão, amigo de festas e da vida mundana – recebeu forte influencia espiritual, a que também, quando aluno dos salesianos, não fui estranho.

Conclui, com acerto, Floriano de Lemos, que «honesto e resignado, com uma consciência naturalmente religiosa, veio a ser um Pastor de almas completo». Não me animo a afirmar que não lhe fosse «vocação» a vida religiosa, pelo simples fato de não lhe haver abrolhado esse ideal aos primeiros anos da adolescência, mas somente aos 17 anos. Lembremo-nos de Fernandinho – Fernando Correa de Lacerda – seu afim pelo sangue: era também Gaudie Ley como D. Aquino, pela linhagem materna – que morreu como seminarista de Olivais em cheiro de santidade, e teve, entretanto, seus dias de sedução terrena «no remoinho da vida mundana», qual no-lo conta, em sua linda biografia, recém-aparecida em Lisboa, o padre Thomas de Aquino Miranda.

Isso em nada leva a sub-estimar as virtudes acrisoladas do dois descendentes de Capitão-mor André Gaudie Ley. Quero, porem, deixar patente que a vocação – no seu sentido quasi místico, de apelo, chamada misteriosa do alto – do Arcebispo D. Aquino, foi a Poesia, que lhe madrugou n'alma,

A POESIA DE D. AQUINO

antes de qualquer outra, que ele sentiu, como Paulo, na estrada, de Damasco e Pedro, ao tentar sair de Roma, Poesia que ele, na alma disciplinada e cheio de equilíbrio, subordinou à Religião, fazendo dela essoutro cajado do seu pastoreio de almas . . Poeta ele o foi mais do que qualquer outra coisa. Na poesia achou o sentido da sua vida, o *transfert* admirável que lhe permitiu realizar o seu maravilhoso destino. Pela poesia viveu e dela extraiu os motivos de Patriotismo exaltado e da Crença sincera, que fazem o maior encanto da sua obra literária.

Até escrevendo em prosa, nos discursos e pastorais, nos sermões e conferencias, proferidos nas grandes Catedrais ou nas rústicas ermidas do vilarejos, nos Jockey-clubes faustosos ou nos arraiais perdidos entre os pantanais e as serra, ele fazia Poesia, verdadeiros poemas em prosa, como são *A serra da Chapada*, no elogio do seu patrono P. José Manoel de Siqueira, *A Beleza da matéria*, n'«*O Belo nas letras*», o magistral discurso com que instalou o *Centro*, hoje Academia Mato-Grossense de Letras, *A velha bandeira de Mariana* e tantas outras páginas de poesia oratória. Como o grande Alberto Rangel, que em seu «Lume de cinza», escreveu, em prosa, magníficos poemas evocativos, D. Aquino, Poeta acima de tudo, Poeta cem por cento, nos herdou, na sua polimorfa obra imperecível, o seu verdadeiro e autentico testamento, de que vamos ter ainda o mimoso codicilo, na encantadoras *Pétalas do Evangelho*, que serão a sua primeira obra póstuma, ainda de Poesia sem metro.

Esse o seu maior titulo de glória, legado primoroso do seu espírito de escol, e mais do que do espírito, do seu grande e generoso Coração!